

**TRAJETÓRIAS SOCIOESPACIAIS DE JOVENS ESCOLARES NEGROS**

***TRAYECTORIAS SOCIOESPACIALES DE JÓVENES ESCOLARES NEGROS***

***SOCIOSPATIAL TRAJECTORIES OF YOUNG BLACK SCHOOL STUDENTS***



Marcelo Henrique DE SÁ<sup>1</sup>  
e-mail: marcelohsa81@gmail.com



Clarice CASSAB<sup>2</sup>  
e-mail: clarice.cassab@ufjf.br

**Como referenciar este artigo:**

SÁ, Marcelo Henrique de; CASSAB, Clarice. **TRAJETÓRIAS SOCIOESPACIAIS DE JOVENS ESCOLARES NEGROS**. *Revista Geografia em Atos*, Presidente Prudente, v. 09, n. 01, e025002. e-ISSN: 1984-1647. DOI: <https://doi.org/10.35416/2025.10446>



| **Submetido em:** 24/05/2024  
| **Revisões requeridas em:** 19/11/2024  
| **Aprovado em:** 23/11/2024  
| **Publicado em:** 02/04/2025

---

**Editores:** Nécio Turra Neto  
Karina Malachias Domingos dos Santos  
Rizia Mendes Mares

---

<sup>1</sup>Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora – MG – Brasil. Doutorando em Serviço Social pelo PPGSS-UFJF. Mestre em Geografia pelo PPGEU-UFJF. Professor licenciado em Geografia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF).

<sup>2</sup> Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora – MG – Brasil. Doutora em Geografia pela UFF. Professora do Departamento de Geociências e do PPGEU-UFJF. Coordenadora do NuGea/UFJF.

**RESUMO:** Pretende-se abordar neste artigo as vivências de jovens negros escolares, a partir de suas trajetórias socioespaciais na cidade de Juiz de Fora, partindo da hipótese de que a intersecção entre raça e classe atua como limitador da apropriação e uso da cidade por esses jovens. Para isso, a metodologia desenvolvida se dá com base na pesquisa qualitativa, utilizando de entrevista e narrativa oral no diálogo com os sujeitos. Deste modo, a pesquisa apontou que esses jovens possuem uma rotina muito atrelada à condição de estudantes, sendo a escola e a casa os pontos mais presentes em suas trajetórias socioespaciais. Nesta perspectiva, no geral, esses jovens possuem certa limitação para o uso e apropriação da cidade associada à sua renda e cor.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jovens Negros. Juiz de Fora. Racismo. Cidade. Trajetórias Socioespaciais.

**RESUMEN:** *En este artículo, se pretende abordar las experiencias de jóvenes estudiantes negros, a partir de sus trayectorias socioespaciales en la ciudad de Juiz de Fora, partiendo de la hipótesis de que la intersección entre raza y clase actúa como limitador de la apropiación y del uso de la ciudad por estos jóvenes. Para esto, la metodología desarrollada se basa en una investigación cualitativa, utilizando entrevistas y narrativa oral en diálogo con los sujetos. De esta manera, la investigación apuntó que estos jóvenes tienen una rutina muy conectada a la condición de estudiantes, siendo la escuela y la vivienda los puntos más presentes en sus trayectorias socioespaciales. En esta perspectiva, en general, estos jóvenes tienen una cierta limitación para el uso y apropiación de la ciudad vinculada a su ingreso y color.*

**PALABRAS CLAVE:** *Jóvenes negros. Juiz de Fora, Racismo. Ciudad. Trayectorias socioespaciales.*

**ABSTRACT:** *This article intends to approach the experiences of young black students from their socio-spatial trajectories in the city of Juiz de Fora, based on the hypothesis that the intersection between race and class acts as a limitation to the appropriation and use of the city by these young people. To do it, the methodology developed is based on qualitative research, using interviews and oral narrative in dialogue with the subjects. In this way, the research pointed out that these young people have a routine that is very linked to their condition as students, with the school and the house being the most present points in their socio-spatial trajectories. In this perspective, in general, these young people have a certain limitation for the use and appropriation of the city based on their income and race.*

**KEYWORDS:** *Black youth. Juiz de Fora. Racism. City. Socio-spatial Trajectories.*

## Introdução

Este trabalho pretende se situar no tema da geografia das juventudes, campo em crescente consolidação na Geografia brasileira atual, procurando focar na dimensão espacial como condicionante para os estudos sobre juventudes e suas práticas socioespaciais. Seu objetivo é compreender as vivências de jovens negros escolares a partir de suas trajetórias socioespaciais na cidade, buscando indicar como suas trajetórias são fortemente atravessadas pelo racismo e quais estratégias são acionadas para contornarem e afirmarem seu direito à juventude como experiência espacial.

Entendemos que estar na cidade, fazendo dela um espaço público no sentido de seu uso e apropriação, é, para os jovens, uma condição para a plena realização de sua juventude. O movimento pela cidade, o encontro, o estar com os outros, os lugares de permanência e de sociabilidade são aspectos essenciais no processo de produção de suas identidades. Nele, ao mesmo tempo que os jovens vão se (re)conhecendo e realizando sua juventude, também como uma experiência espacial, vão produzindo a cidade através da decodificação dos códigos que a organizam como produto social. Tal processo é também condição para acessarem as oportunidades contidas no espaço (Cassab, 2015, 2019, 2020). No entanto, sabemos que, construída historicamente, a cidade é apropriada de forma desigual quando marcadores de diferenças incidem sobre os corpos dos sujeitos como marcadores de desigualdade.

É assim que produzem suas espacialidades de forma desigual, umas vezes que marcadores sociais como raça, classe, gênero, entre outros, refletem diretamente nas suas trajetórias socioespaciais. Procurando desvelar este processo, o trabalho investigou as trajetórias espaciais de jovens escolares negros de uma escola pública na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, com o intuito de descortinar os usos e as interdições que experimentam na cidade. Consideramos ser importante analisarmos suas trajetórias socioespaciais através de seus deslocamentos e de como vão interagindo e construindo suas espacialidades na cidade, tendo a escola como ponto fixo em seus trajetos, sem, contudo, desconsiderar outras mediações importantes, como trabalho, lazer e práticas de finais de semana, como ir à igreja, entre outros.

Optou-se pela metodologia qualitativa, recorrendo à entrevista e à narrativa oral no diálogo com os sujeitos. Neste sentido, o primeiro passo foi o contato com a escola, visando acessar possíveis jovens sujeitos dessa pesquisa: discentes do terceiro ano do Ensino Médio e autodeclarados pretos e/ou pardos<sup>3</sup>. As entrevistas foram realizadas a partir de um roteiro

---

<sup>3</sup> Os jovens foram desidentificados, recebendo o nome artistas da música brasileira.

semiestruturado, buscando dialogar com as problemáticas da pesquisa, utilizando para análise a narrativa oral<sup>4</sup>. Segundo Rocha-Coutinho (2006) essa metodologia é adequada para estimular as pessoas a falarem sobre suas vidas, pois permite ao pesquisador explorar não apenas fatos e atividades, como também sentimentos, ou seja, as experiências emocionais de seus informantes. Neste movimento de fala, as pessoas constroem identidades, articulam suas experiências e refletem sobre o significado de suas experiências para si. Rocha-Coutinho (2006, p. 67) complementa que “através de suas narrativas podemos obter um quadro mais amplo de como os entrevistados se percebem no mundo, de como e a que atribuem valor, e do significado particular atribuído a suas ações e a seu lugar no mundo”. No contexto dessa investigação, a metodologia proposta busca proporcionar dialogar com o fenômeno em sua complexidade, deixando perceber as diversas interações presentes nos contextos sociais, constituídos e constituintes dos sujeitos (Rodrigues; Menezes-Santos, 2014).

A pesquisa, com a finalidade do anonimato dos jovens, buscou criar pseudônimo para identificar os jovens no decorrer desse trabalho, como podemos notar na tabela 1:

**Tabela 1** – Apresentação dos jovens

Jovens	Idade	Série e Turno.
Luedji	17 anos	Terceiro ano regular no turno da tarde
Marechal	17 anos	Terceiro ano regular no turno da tarde
Rincon	22 anos	EJA de terceiro ano no noturno
Juçara	18 anos	Terceiro ano regular no turno da tarde
Thiago	17 anos	Terceiro ano regular do turno da tarde
Milton	17 anos	Terceiro ano regular no turno da tarde
Elza	18 anos	Terceiro ano regular no turno matutino
Tássia	18 anos	Terceiro ano regular no turno matutino
Rashid	17 anos	Terceiro ano regular no turno matutino

Fonte: Pesquisa de campo, 2023

Em relação ao mapa que demonstra o local de moradia dos jovens, seguindo na perspectiva do anonimato, não utilizou do local exato de moradia desses jovens, utilizando de pontos de referências apontados pelos jovens.

Deste modo, nossa intenção é problematizar a forma como estes jovens vivenciam a cidade, partindo da hipótese de que a intersecção entre raça e classe atua, condiciona e limita a apropriação e uso dela. Para tanto, pautamo-nos na compreensão de que a cidade é produto e

<sup>4</sup> Apesar do uso dessa metodologia, muitos jovens encontraram certo estranhamento, o que resultou em uma coleta mais expressiva de material por parte de alguns jovens em comparação com outros, algo que será evidenciado ao longo deste trabalho.

condição social, manifestando a dinâmica das relações e dos agentes sociais em suas múltiplas dimensões. Através da dinâmica da produção do espaço urbano, é possível entender melhor a cidade e sua caracterização como mercadoria, subjugada à lógica da produção do capital. Contudo, sabemos que tal subordinação não é completa, uma vez que a dinâmica social é contraditória e conflituosa, dando contornos diversos à realidade (Cavalcanti, 2013).

Nesta medida, a primeira parte do texto fará o debate acerca do sentido de se pensar as trajetórias espaciais e de que forma a dimensão de raça interfere nas trajetórias espaciais dos jovens negros, fortemente atravessadas pelas restrições provocadas pelo racismo e pelo preconceito. Em seguida, apresentaremos os jovens de nossa pesquisa, indicando suas trajetórias, seus usos da cidade e as forças de contenção e restrição por eles enfrentadas.

### **Jovens negros e trajetórias socioespaciais**

Neste trabalho, consideramos os jovens sujeitos sociais que vivenciam sua juventude como experiência produzida e mediada por condicionantes como o espaço, o tempo, seus contextos sociais e sua biografia de vida. A partir desta perspectiva, assumimos que também produzem o espaço através de ações e práticas que se dão no cotidiano de suas vidas. Para Cassab:

A juventude produz espaço e é igualmente condicionada pelas formas em que esse espaço é socialmente produzido e organizado. Isso implica a necessidade de se abordar o movimento dos jovens, que se dá a partir de suas ações, de sua mobilidade, de suas falas e gestos, da relação que estabelecem com os bairros e com a cidade, dos usos que instituem com e no espaço urbano e com a cidade (2015, p. 139).

Neste aspecto, a autora enfatiza que o desenrolar da vida dos jovens na cidade incidirá sobre a maneira pela qual vivem sua juventude, porque a cidade é espaço de coexistência de diversidades, lugar de encontro das diferenças e de múltiplas trajetórias. Sendo assim, é no cotidiano da cidade que é possível perceber a diversidade das juventudes, pois não há um único modo de ser jovem. O que há são juventudes que se realizam como experiências espaciais num processo permanente de apropriação da cidade.

Cavalcanti (2015) ensina que é através da e na prática socioespacial que o indivíduo se realiza ao longo do processo histórico e que é a partir dela que se revela a construção da humanidade do homem. Segundo a autora, a perspectiva espacial envolve a sociedade em seu

conjunto, em sua ação real, em seu movimento de objetivação, constituindo, assim, um universo imbricado de situações, contemplando necessidades, aspirações e desejos.

Portanto, as práticas socioespaciais são importantes para a análise dos jovens sujeitos dessa pesquisa. Sobre as práticas socioespaciais, Loboda destaca:

As práticas socioespaciais são importantes em nossa análise, a partir do momento que adquirem sentidos através dos usos efetuados, vivenciados e percebidos pelos diferentes sujeitos sociais, seja por meio das situações mais banais como o simples passar, ou, então, das práticas nas quais a interação do habitante com o espaço público se mostra de forma mais contundente por meio da sua utilização e apropriação para necessidades diárias. Assim, as práticas socioespaciais são mediadoras da apropriação da cidade ou parte dela e, por conseguinte, dos seus lugares, incluso dos espaços públicos (2009, p. 36).

As práticas socioespaciais são, deste modo, componentes relevantes dos modos de vida dos jovens, de suas culturas e mobilidades. Sobre os jovens, Cassab (2012, p. 139) destaca que “as diferentes práticas espaciais que instituem com e na cidade iluminam as formas pelas quais se relacionam com o espaço e forjam diferentes juventudes”, sendo percebida uma variedade de dinâmicas no cotidiano desses jovens na cidade, principalmente ligadas às suas trajetórias socioespaciais.

Também para Santos e Ratts (2015, p. 646-647) através das trajetórias socioespaciais é possível entendermos os deslocamentos de um indivíduo ou coletividade “entre locais distintos entre espaços de residência, estudo, trabalho ou lazer, entre bairros, e outros que fazem a diferença na sua situação social, pois não se resumem a um deslocamento geométrico”.

Para Cirqueira (2017) as trajetórias socioespaciais possuem uma dimensão espaço-temporal, ou seja, essa concepção supõe que os indivíduos perpassam por um repertório de lugares no decorrer de suas vidas, sendo experimentado de forma distinta por cada indivíduo. Souza (2007, p. 50) enfatiza que o movimento temporal no espaço, expresso nas trajetórias socioespaciais, permite que os indivíduos formulem suas perspectivas, visões de mundo, subjetividades, entre outros aspectos.

Através principalmente de suas mobilidades, os jovens constroem subjetividades e perspectivas de futuro, nas quais o acesso a pontos turísticos e culturais podem ampliar o acesso às oportunidades presentes na vida social. Neste sentido, sobre as trajetórias socioespaciais, Cirqueira complementa:

[...] em linhas gerais, trajetória socioespacial envolve a historicidade e a espacialidade de vida(s); um conjunto de experiências contidas no espaço-

tempo que possuem uma conformação não linear ou contínua. A importância da espacialidade se faz na medida em que as experiências humanas são topocentradas e, muitas das vezes, os lugares demarcam momentos e limites dessas trajetórias no tempo, firmando-se como referências experienciais simbólicas para sujeito (2017, p. 75).

Para o autor, é fundamental não confundir trajetórias com histórias de vida ou biografias, mas sim, “entender a vida como um caminho, um trajeto, percurso ou como um curso dotado de sentido que comporta etapas tendo um começo e um fim numa sucessão de acontecimentos que não possuem significados unilineares ou unidirecionais” (Ciqueira, 2017, p. 75). Assim, para a compreensão das trajetórias socioespaciais, deve-se construir os “estados sucessivos do campo, no qual elas se desenrolam as variadas experiências e lugares em que o indivíduo perpassa, unindo um ator social a outros cujas vivências se desenvolvem no mesmo campo e no mesmo conjunto de possibilidades” (Cirqueira, 2008, p. 22).

Para Bourdieu (1996, p. 198), é preciso pensar as trajetórias “como uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) em um espaço em constante construção e sujeito a transformações incessantes”. Em suas trajetórias, os indivíduos percorrem caminhos socioespaciais diferenciados, ou seja, em um mesmo contexto socioespacial, pode-se encontrar variadas trajetórias socioespaciais, sendo possível estabelecer paralelos entre a diversidade juvenil e os múltiplos contextos socioespaciais.

Deste modo, mesmo em um grupo com algumas características em comum, como é o caso dos jovens escolares negros, percebe-se uma variedade de trajetos e percursos em suas trajetórias socioespaciais, que é marcada e estabelecida pela condição racial e a atuação do racismo. Portanto, a dimensão do corpo é um elemento importante que nos permite compreender as trajetórias desses sujeitos na cidade.

É a partir de seu corpo que os jovens negros vivenciam múltiplas desigualdades, pois através dele se relacionam com o espaço. Segundo Cassab et al. (2016), os jovens se relacionam com o espaço, possuindo diferentes espacialidades, maneiras de vivenciar, experimentar e representar a cidade, usos distintos e desiguais, lugares que frequentam e os que não frequentam, todas práticas espaciais que apontam para a dimensão espacial que compõe as juventudes. Sobre o corpo, Santos vai dizer:

A corporeidade implica dados objetivos, ainda que sua interpretação possa ser subjetiva; a individualidade inclui dados subjetivos, ainda que possa ser discutida objetivamente. Com a verdadeira cidadania, cada qual é o igual de todo os outros, e a força do indivíduo, seja ele quem for, iguala-se à força do Estado ou de outra qualquer forma de poder: a cidadania define-se

teoricamente por franquias políticas, de que se pode efetivamente dispor, acima e além da corporeidade e da individualidade (Santos, 2002, p. sn).

Segundo Souza (2007), o corpo é um elemento crucial da representação social da raça, em que se produz uma percepção estereotipada, firmada numa dualidade entre superioridade e inferioridade. No Brasil, a questão racial, principalmente a respeito da população negra, está muito relacionada ao corpo. Para Santos, (2002, p. sn):

o corpo se impõe como uma marca visível é frequente privilegiar a aparência como condição primeira de objetivação e de julgamento, criando uma linha demarcatória, que identifica e separa, a despeito das pretensões de individualidade e de cidadania do outro. Então, a própria subjetividade e a dos demais esbarram no dado ostensivo da corporeidade cuja avaliação, no entanto, é preconceituosa.

Sendo assim, o corpo é determinante nas experiências socioespaciais dos sujeitos e na forma como constroem relações com o espaço (Silva, 2014). Machado (2011) afirma que socialmente os corpos negros são inferiorizados, sendo percebidos nas experiências dos jovens negros em determinados espaços, refletindo na construção de subjetividades e até em seus trajetos na cidade. Queiroz (2017) complementa que, através do corpo, compreende-se a relação dos jovens negros com a cidade, sendo possível entender os processos de rejeição ou aceitação, de controle social, de construção ou negação de identidades e a forma como se relacionam no espaço.

Desse modo, em função do marcador racial, os jovens negros produzem suas espacialidades de forma desigual na cidade. Por conta do racismo, são ensinados a evitarem determinados lugares, a circularem pela cidade de certa maneira e a terem comportamentos controlados nos espaços públicos.

Tais práticas refletem diretamente nas trajetórias socioespaciais e nas possibilidades de apropriação da cidade. A cidade, para muitos deles, é vivida nas restrições impostas pelo racismo, que condicionam suas experiências espaciais e, conseqüentemente, sua possibilidade de viverem a juventude como direito. Neste contexto, buscaremos entender como se realizam as práticas espaciais e os usos que jovens de uma escola pública da cidade de Juiz de Fora fazem da cidade e em que medida a experiência do racismo atravessa ou mesmo condiciona suas vivências e seu modo de ser jovem e viverem suas juventudes.

A ciência geográfica possui o papel de investigar a forma que as relações sociais se manifestam no espaço, destacando aqui nessa pesquisa a dimensão racial do espaço. Desta forma, é na análise geográfica e das experiências dos jovens escolares negros no espaço que se



encontra a escala de análise espacial e racial desta pesquisa, utilizando-se principalmente das trajetórias socioespaciais dos jovens.

Nesta perspectiva, Santos (2012) defende que a raça é um princípio de classificação que regula e ordena comportamentos e relações sociais e, por essa razão, possui vínculo direto com a Geografia. Para o autor, na medida em que a Geografia pretende compreender as dimensões espaciais das relações sociais, é razoável pensar que “as relações raciais grafam o espaço, constituem-se no espaço e com o espaço”, sendo tarefa da Geografia revelar estas espacialidades (Santos, 2012, p. 38).

### **As trajetórias socioespaciais dos jovens: escola e trabalho**

Os jovens escolares constituem suas práticas espaciais na cidade, principalmente a partir de suas trajetórias socioespaciais. Assim é relevante compreendê-las e entender como vivem em seu lugar, em seu cotidiano, como se relacionam com esse lugar, com a escola, com seu bairro e sua cidade. Nosso ponto de partida são os hábitos, concepções, comportamentos, rotinas que incidem no espaço e são vividos por eles.

Segundo Cavalcanti, (2015) os jovens escolares têm seu cotidiano definido predominantemente pela rotina escolar. São jovens que passam seus dias fazendo o trajeto da casa para a escola e da escola para casa, dividindo seu tempo quase que exclusivamente entre ficar na escola e em casa, salvo algumas exceções daqueles que têm o trabalho como atividade em suas rotinas cotidianas.

A relação dos jovens escolares com a escola é fundamental para o desenvolvimento acadêmico, social e emocional, pois é na escola que eles adquirem conhecimentos, habilidades e valores que serão essenciais para sua formação como cidadãos críticos e participativos na sociedade. Além disso, a escola também pode ser um espaço de convivência e de construção de amizades, onde se sentem acolhidos e apoiados pelos professores e colegas.

Portanto, é importante entender como se movimentam na cidade, pois deslocar-se é constitutivo da vida urbana. Ruas, calçadas, praças, parques, avenidas e demais objetos são elementos espaciais que conformam a vida coletiva e possibilitam “formas complexas de interação”. Deste modo;

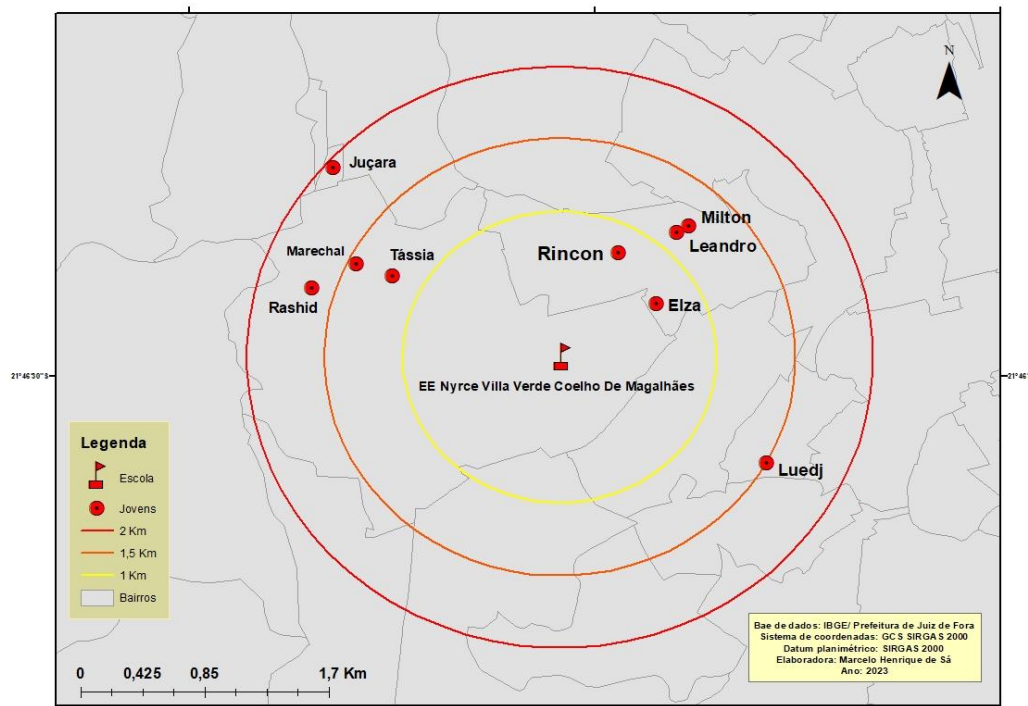
mais que deslocamentos pendulares, as práticas de mobilidade articulam diversos espaços urbanos a partir de práticas, experiências e recursos em uma complexa rede física e de sociabilidade. As identidades são

produzidas por meio das redes de pessoas, ideias e coisas em movimento e não por um espaço único, compartilhado de habitação (Lira e Cordeiro, 2023, p.6).

Ao caminharem pelas ruas, os jovens notam as mudanças que ocorrem no ambiente ao seu redor, identificam as características únicas de cada área e estabelecem uma conexão com o lugar onde vivem. Percebem a presença de novas lojas, prédios, parques e outras mudanças que acontecem no bairro, o que pode contribuir para que se sintam mais envolvidos na comunidade local. Além disso, caminhar até a escola pode permitir que interajam com outros moradores do bairro, como vizinhos e comerciantes locais. Essas dinâmicas podem ajudá-los a criar laços sociais mais fortes e sentir-se mais conectados com as pessoas ao seu redor.

Em relação aos jovens dessa pesquisa, como mostra a figura 1, com exceção da jovem Luedji, todos os outros residem na Unidade de Planejamento de São Pedro<sup>5</sup>, onde se localiza a escola. Essa proximidade facilita seus trajetos até a escola, que é feito majoritariamente a pé, com exceção das jovens Luedji e Tássia.

**Figura 1.** Localização dos jovens em relação à escola na Unidade de Planejamento de São em Juiz de Fora



Fonte: Pesquisa de campo, 2023

<sup>5</sup> As Unidades de Planejamento (UP) de Juiz de Fora constituem a base territorial para o planejamento da cidade, conforme previsto em 2000 pelo Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Juiz de Fora (PJF). A Unidade de Planejamento de São Pedro é composta por um agrupamento de bairros e loteamentos, dentre esses o bairro São Pedro, localização da escola.

Morar perto da escola traz alguns benefícios para esses jovens, como o de possibilitar que não percorram longas distâncias para chegarem à escola todos os dias. Isso pode economizar tempo e reduzir o estresse, principalmente causado pela lotação do transporte público. Além disso, pode oferecer a oportunidade de participar de atividades extracurriculares ou de estudar com mais facilidade. Outro benefício importante é a possibilidade de criar uma comunidade local forte. Os discentes que moram perto da escola desenvolvem amizades mais facilmente com seus colegas de classe e outros discentes da região, pois têm mais chances de encontrá-los fora da escola.

Como demonstra o raio de distância da figura 1, podemos perceber que esses jovens possuem sua localidade próxima com a escola, sendo que 2 jovens estão dentro do raio de 1 km em relação à escola, cinco estão no raio de 1,5 km e outros dois estão no raio de 2 km. Em geral, segundo os jovens, eles gastam em média entre 15 e 30 minutos fazendo o trajeto a pé de casa para escola e da escola para casa. As jovens Luedji e Tássia não fazem esse caminho totalmente a pé, sendo que Luedji vai para escola de carro e volta de ônibus e a jovem Tássia vai de carro e volta a pé.

Ainda de acordo com a figura 1, a jovem Luedji destaca-se como a única estudante residindo fora da Unidade de Planejamento de São Pedro. A jovem é moradora do bairro Dom Bosco, situado relativamente próximo ao local da escola. De acordo com ela, a decisão de estudar em São Pedro partiu de sua mãe, em função da falta de opção de Ensino Médio no seu bairro. Nas palavras da jovem: “no Dom Bosco só tem fundamental, daí preferi vim [sic] para cá, e Ensino Médio só tem em São Mateus (outro bairro da cidade de outra unidade de planejamento) e minha mãe preferiu me colocar para cá mesmo”. No trajeto para a escola, os jovens têm a oportunidade de conhecer melhor o seu bairro, reforçando seus laços territoriais.

Contudo, para os jovens negros escolares, o racismo recai sobre muitas dimensões de suas trajetórias. Passos (2010) indica que os jovens negros enfrentam desafios mais intensos em suas trajetórias escolares. Para a autora, a necessidade de conjugar estudo e trabalho é um deles e será determinante para o sucesso ou fracasso de sua trajetória escolar.

A realidade socioeconômica desigual que afeta a população negra no Brasil torna o trabalho uma necessidade precoce para muitos jovens, que precisam contribuir para a renda familiar desde cedo. Na escola, essa realidade se reflete em diversas formas. Muitos jovens negros precisam trabalhar para ajudar em casa, seja fazendo pequenos trabalhos ou mesmo assumindo empregos formais em meio período. Isso pode comprometer seu desempenho

escolar, já que precisam conciliar horários e prioridades, além de lidar com o cansaço e o estresse.

Assim, além da escola, o trabalho é outro elemento que tem centralidade na vida destes jovens, sendo uma condição necessária para parte dos jovens entrevistados, contudo, com uma forte distinção de gênero, na qual as mulheres estão alocadas nos trabalhos domésticos e os homens “fora de casa”.

Luedji e Juçara afirmam possuir alguma remuneração com seus trabalhos, advindos de seus familiares. Ambas efetuam trabalhos domésticos, ficando entre cuidar da limpeza da casa, cozinhar e, no caso da jovem Juçara, cuidar de seus irmãos mais novos e sobrinho. As jovens relatam que terminam o trabalho por volta de meio dia. No caso da jovem Luedji, isso não atrapalha sua ida para escola, pois a jovem vai de carro, mas mesmo não ocorre para Juçara, pois sua aula começa às 13 horas e, segundo a jovem relata, “geralmente eu acabo por volta de meio dia e fica meio corrido, por conta disso, eu sempre chego no segundo horário”.

Já os jovens homens Rincon e Marechal possuem trabalhos “fora de casa”. Marechal, por conta de estudar durante à tarde, mantém o serviço no turno da manhã, trabalhando como servente de pedreiro das 7 às 11:30 da manhã. Faz o trajeto para o trabalho de carro, locomoção que é cedida pelos seus empregadores. Já o caminho de volta é feito a pé. Ao ser questionado sobre o motivo que o levou a trabalhar, afirma que “foi por motivos pessoais e para ajudar minha família e para eu começar a desenvolver e começar a trabalhar”. Para Rincon, o tempo dedicado ao trabalho também não é muito distinto. Trabalhando desde os 17 anos e tendo passado por vários tipos de empregos, no momento da entrevista, cumpria jornada de 8 horas da manhã até as 18 horas da tarde, finalizando sua atividade laborativa apenas meia hora antes do início de sua aula.

Os relatos indicam o quanto o tempo dos jovens precisava ser dividido entre estudos e trabalho, seja “fora de casa” ou no trabalho do cuidado. O trabalho, portanto, é uma realidade que compete com o tempo dos estudos, gerando cansaço e menor disposição para o investimento em sua trajetória formativa. Destaca-se ainda a redução da possibilidade de viverem sua juventude como tempo de moratória social, de formação e planejamento da vida, pois, “para os jovens pobres a moratória limitada, e o ingresso antecipado no mercado de trabalho, quase sempre em posições pouco qualificadas, muitas vezes irá imprimir certa descontinuidade na sua experiência juvenil” (Souza; Cassab, 2024, p. 262).

Para estes jovens, o trabalho é, no entanto, uma realidade que também os coloca em maior contato com a cidade. Seu trabalho, com instalação de produtos de tubulação metálica,

possibilita ao jovem Rincon conhecer diversas regiões da cidade. Diz o jovem: “Trabalho em uma loja física, que todos os dias tenho que estar lá, a partir disso, acesso outros pontos da cidade, como zona norte, zona leste, zona sul, Santa Efigênia entre outros locais, no intuito de instalar as tubulações”. Dessa forma, transita por diferentes bairros, ruas e avenidas e interage com pessoas de diferentes culturas e locais na cidade.

Neste sentido, percebe-se que através de seus trabalhos, os jovens Marechal e Rincon tendem a ter uma movimentação na cidade, dando-lhes a oportunidade de conhecer alguns outros pontos, fato que os difere dos outros jovens da pesquisa, que se mantêm bem mais próximos de seu bairro nas suas variadas atividades no cotidiano, como é o caso do lazer.

### **As trajetórias socioespaciais dos jovens entrevistados em suas andanças por lazer**

Segundo Martins et. al, (2014, p. 44), o lazer se configura como uma das principais dimensões da sociabilidade juvenil na contemporaneidade, sendo fundamental para a elaboração de suas identidades, formação de valores, referências e na sua relação com o espaço público. O lazer pode ser definido como o tempo que os jovens utilizam para realizarem atividades que lhes agradam e os fazem se sentir bem consigo mesmos. Essas atividades podem ser diversas, como esportes, jogos, danças, músicas, cinema, teatro, entre outras.

No entanto, é importante ressaltar que enquanto relação social, o lazer é significado de maneiras distintas conforme as muitas mediações que atravessam a vida dos sujeitos. Dimensões como gênero, renda, cor e raça, faixa etária, mobilidade e tantas outras irão conformar as práticas de lazer e seus significados, de modo a influenciar diretamente como os jovens aproveitam seu tempo de lazer. Alguns têm acesso a atividades culturais, esportivas e de lazer, enquanto outros não têm acesso a nada além do tempo ocioso.

Portanto, ao analisarmos o lazer dos jovens escolares, destacamos, em consonância com Cavalcanti, (2015) que eles possuem seu lazer prioritariamente realizado em casa ou nas adjacências da casa, nas ruas, praças e áreas públicas, junto com seus amigos. A maioria os jovens entrevistados dizem possuir como forma de lazer ficar em casa. Devido à rotina escolar intensa e exigente, muitos optam por passar seu tempo de lazer em casa, porque, segundo eles, as horas de estudo, tarefas e atividades extracurriculares podem deixá-los cansados física e mentalmente. Assim, muitos veem a casa como um refúgio, onde podem relaxar, descansar e desfrutar de momentos de tranquilidade, como bem destaca a jovem Elza. Para a jovem, durante a semana, com a rotina pesada das aulas, fica difícil realizar lazer fora de casa, “dia de semana

não tem como, é da escola para casa e casa para escola, geralmente meu lazer durante a semana é dentro de casa, usando celular”.

Além disso, com o avanço da tecnologia e a possibilidade de acesso à internet, muitos encontram entretenimento e diversão em jogos online, redes sociais, streaming de filmes e séries, tudo isso sem sair de casa, como no caso de Leandro, que diz que “quando estou em casa, jogo um jogo no celular com os meus amigos”.

O principal lazer dos restantes dos jovens é feito fora de casa, alguns perto de suas casas e proximidades dos bairros e outros buscando outros bairros da cidade. Os jovens Milton e Marechal fazem do futebol a principal atividade de lazer. Para isso, usam a praça Therezinha Fleury Cruz, localizada no mesmo bairro da escola, em São Pedro. Sobre o uso da quadra pelos jovens, Marechal dirá: “frequentemente como lazer a praça aqui em São Pedro, lugar para treinar, jogar bola e conversar com meus amigos”.

A mesma praça é utilizada pelo jovem Milton, que também costuma jogar no campo de futebol do lado da sua casa, denominado de “Nova União”. Sobre isso o jovem diz: “eu gosto muito de jogar bola na quadra sabe, a quadra do São Pedro, às vezes de tardezinha pulo no campo para jogar um futebolzinho, faço uns esportes, o básico”. Para o jovem, a bicicleta também é outra forma de lazer. Utilizada como locomoção pelo bairro, a atividade acabou se tornando uma prática de lazer: “Também dou uns graus de camelinho, mas não considero um esporte ainda, ando na avenida mesmo, praticamente na beira, mais conhecida como rua do grau”.

O esporte é, para os jovens homens, importante forma de lazer. Rincon também destaca essa atividade, mas diz que, em função da rotina de trabalho e estudos, não possui horários livres durante a semana para praticar o basquete, fazendo com que até mate aula “para jogar basquete na quadra do São Mateus”. Para isso, faz seu trajeto de ônibus durante a semana e nos finais de semana a pé. Sobre isso, o jovem complementa:

Final de semana, quando estou de folga, pois trabalho um sábado e folgo dois, também eu deço a pé para economizar uma passagem, muitas vezes até subo a pé, porque é um caminho que estou acostumado a fazer, então não é uma longa distância e tem o fato de eu gostar de caminhar também. Domingo raramente vou na quadra.

Nessa dinâmica de locomoção para jogar basquete, o jovem sai de seu bairro e vai para outro, vivenciando realidades distintas. A praça do São Mateus é o local no qual Rincon vai para jogar. Localizada em um importante bairro residencial, predominantemente ocupado por

um segmento de renda média e uma população majoritariamente branca da cidade, a praça é frequentemente o destino de jovens em busca de lazer. Cassab (2015) já salientava que a praça é alvo de inúmeras ações que visavam reduzir e controlar o seu uso, podendo destacar a retirada da mesa de ping-pong e o cercamento da quadra. Segundo a autora, neste processo, houve grande influência dos moradores sobre decisões que foram executadas na praça, o que pode ser confirmado, por exemplo, com a saída de atividades tipicamente juvenis e praticadas por corpos “indesejáveis”, como a “gaymada”.

Deste modo, esses jovens, cujos corpos diferem daqueles que comumente são vistos na praça, são alvo de estranhamento. Sobre isso, o jovem Rincon afirma que os moradores do bairro, “(...) olham para gente com o olhar de desprezo”. Para o jovem, isso ocorreria pois “dentro da praça, ali rola esquema de tráfico, então a população generaliza muito quem está ali, eles generalizam muito, para eles todo mundo é igual”.

Sobre esse estranhamento ao corpo negro, Bento (2002), complementa que parti de uma concepção da branquitude que trata-se de um lugar de superioridade e consequentemente da construção/produção de inferioridade. Deste modo, para a autora as pessoas brancas projetam em outros grupos raciais a concepção de inferioridade, que segundo Hooks (2017) faz parte de um sistema de dominação das estruturas das relações raciais.

Marechal também destaca o culto como algo positivo em sua vida, pois deixa seu dia mais feliz e é um ambiente por ele muito querido. Toledo e Cassab, (2019, p. 616) sublinham que “a menor oferta de oportunidades na periferia pode ser compreendida como um elemento favorável na escolha pela igreja, especialmente aquela feita pelos jovens”. Para as autoras, parte da razão para atração que despertam nos jovens pode estar associada à pouca disponibilidade de atrativos de lazer, sociabilidade e encontro do grupo juvenil nos bairros periféricos. Leandro nos relata sobre sua experiência na igreja, dizendo que participava buscando atividades culturais e frequentava o grupo de dança. Quando as atividades cessaram, o jovem saiu da igreja.

Dos pontos turísticos da cidade, os jovens tinham contato maior com o recém-inaugurado Parque Municipal, localizado no mesmo bairro da escola. Dentre os entrevistados, Rincon possuiu um maior conhecimento dos pontos turísticos da cidade, devido à maior estabilidade financeira e por ser mais velho, conferindo-lhe maior autonomia em seu deslocamento pela cidade. Em relação a isso, o jovem diz que “no [museu] Mariano Procópio eu fui uma vez só, e eu era pequeno, não lembro como é lá dentro. Nos museus fui muito pouco,

dos pontos turísticos que tenho mais contato é o parque Halfeld, porque está no centro da cidade.”

Os jovens não frequentam muito pouco pontos fora do bairro de São Pedro, o que não ocorre com o shopping, recorrentemente apontado como lugar de lazer pelos jovens, que o procuram por várias finalidades, desde “rolezinhos” com os amigos, idas ao cinema, compra de roupas e saídas para lancha.

A cidade possui três shoppings, sendo o Shopping Independência o mais próximo do bairro de São Pedro e o Jardim Norte o mais longe. O primeiro, mesmo sendo o mais próximo da moradia dos jovens, entrevistados é o menos frequentado por eles, fato que é explicado pelo público-alvo pretendido, sobretudo de consumidores de segmento de renda médio. Em contrapartida, os outros dois shoppings são frequentados por segmentos de renda inferior, quando comparados ao primeiro. Cabe ressaltar, contudo, que entre eles há uma expressiva diferenciação, principalmente sobre oferta de lojas, restaurantes, entre outros, o que acaba também provocando uma diferença entre seus públicos. O Santa Cruz é tradicionalmente mais frequentado por uma juventude oriunda dos bairros periféricos da cidade, que o frequenta para o lazer e compra. Com lojas mais populares e localizado no centro, esse shopping acaba atraindo um público diferente do Jardim Norte.

Essa realidade é percebida e vivida pelos jovens entrevistados. Rincon diz se sentir mais à vontade no Santa Cruz Shopping, “porque está dentro do meu orçamento e me sinto muito mais à vontade lá também, porque são pessoas iguais a mim”. Tássia é clara ao dizer que entre os frequentadores dos dois shoppings, “tem muita diferença de classe social”. A jovem Elza complementa que “um é de pessoas mais ricas e o outro é de mais pobres”. Sobre o Independência e o Jardim Norte, a jovem Juçara fala que “no Independência tem muita pessoa, tipo assim, de classe alta e muita gente metida, eu não tenho paciência. O Jardim Norte pega mais Zona Norte, é mais povão”. Elza ainda pontua uma distinção quanto à cor dos frequentadores de cada shopping ao dizer que “no Independência tem mais “boy”, “patricinhas”, gente branca no geral, no Santa Cruz você vê de tudo”.

Assim, o Shopping Independência não é um ambiente em que se sentem confortáveis. O jovem Rincon pondera que para ir ao Shopping Independência, ele precisa criar mecanismos e estratégias. Nas palavras do jovem:

Já fico mais acanhado, tenho que ter na minha cabeça que tenho que estar com uma roupa melhor, tenho em mente que não posso estar andando aleatório, tenho que ter um objetivo ali dentro. Não sei se é algo que está dentro de mim,



mas qualquer olhar diferente que eu recebo de algum segurança ou até de alguém que esteja passeando ali dentro com a família eu já fico meio incomodado.

Suas trajetórias socioespaciais de lazer revelam experiências que são frequentemente atravessadas pelo racismo que acabam provocando restrições não apenas em seus movimentos, como também na determinação dos lugares de permanência na cidade. Adicionalmente, revelam suas práticas de contornamentos e suas estratégias para acessarem a cidade.

### **Trajетórias socioespaciais e corpos negros: restrições, contenções e contornamentos**

É com seus corpos que os jovens se colocam na cidade. Conforme Cassab (2020, p. 246), a ocupação do corpo no espaço se dá de forma ativa, de maneira que ele participa na sua constituição em que o espaço é produzido “no comprometimento perceptivo do corpo”. Através dele, os jovens reúnem os lugares vividos e experimentados cotidianamente. Contudo, para os corpos negros, são reservadas as maiores restrições, as formas mais agudas de invisibilização e contenção territorial.

É assim que, em seus trajetos, muitos dos jovens negros, por conta de seu corpo racializado, vivenciam experiências espaciais pautadas principalmente pelo racismo (Ciqueira, 2008; Santos; Ratts, 2015; Souza, 2007). Caminhar pelas ruas pode significar, para eles, lidar com olhares desconfiados e julgamentos que estigmatizam seus corpos como perigosos e criminosos. Segundo o jovem Marechal, em seu trajeto para escola, ele já vivenciou essas experiências. O jovem relata: “uma coisa que aconteceu comigo, quando eu passo por pessoas de cores mais claras que a minha, o olhar de inferioridade ou com medo, a ponto de atravessar para outro lado da rua”. Esse olhar que é descrito pelo jovem Marechal também aparece na fala da Jovem Juçara, que afirmava conviver com esse olhar no seu dia a dia. Segundo a jovem: “na escola mesmo eu sempre vejo, nas ruas também”.

No caso das jovens negras, existe a sexualização dos seus corpos. Segundo Pacheco (2003), a mulher negra enfrenta uma intensa sexualização de seus corpos. Essa objetificação reforça estereótipos racistas e machistas que eliminam sua existência a aspectos corporais, desconsiderando sua individualidade, intelecto e autonomia. Essa realidade é reflexo de uma herança histórica escravocrata de exploração e exotificação que persiste nas estruturas sociais contemporâneas.

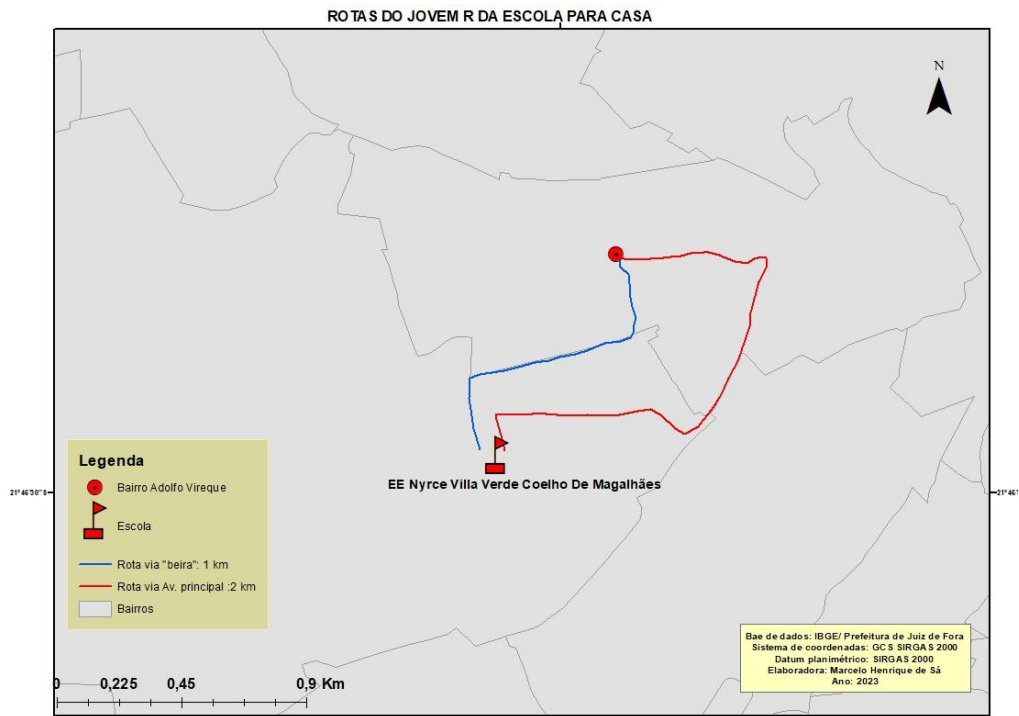
Em seu depoimento, o jovem Rincon afirma que em seu trajeto para escola, ele também é atravessado por esses olhares. Segundo o jovem: “aqui em Juiz de Fora você não vai ver uma diferenciação racial, de um tratamento racista escancarado, mas pelos olhares você já percebe que a pessoa está te julgando de forma diferente”.

Em suas falas, os jovens destacam como seus corpos são constantemente atravessados pelo racismo, que provoca interdições de ordem simbólica e material, sobre sua mobilidade e trajetos pela cidade. A presença de seus corpos pelas ruas da cidade, sua errância, paradas e existência são “permeadas por constante vigilância que se expressa na forma de repressão e constrangimentos, pois as ruas são também o lugar da manifestação da repressão violenta a seus corpos” (Cassab, 2020, p. 247).

Seus corpos, inferiorizados pelo racismo, tornam os jovens negros frequentemente alvo de variadas agressões constantemente presentes em seus percursos na cidade. Cunha (2023, p. 240) dirá que “ser negro em uma sociedade de longa tradição escravocrata faz com que a corporalidade que marca o negro e as inscrições da história no seu corpo determinem os usos que ele fará do espaço”, não possuindo “sua espacialidade percebida e seu uso da cidade garantido”.

Tal experiência faz com que, em muitas das vezes, sejam obrigados a traçarem estratégias de enfrentamento e contornamento as agressões vividas, como a relatada pelo jovem Rincon, estudante do período noturno, que nos conta que muitas das vezes modifica sua rota ao ir embora para casa após a escola. O jovem diz possuir duas rotas, um na avenida principal do bairro e outra pela chamada “beira”. A figura 2 indica as rotas.

**Figura 2** – Rotas do Jovem Rincon da escola para casa no bairro São Pedro em Juiz de Fora



Fonte: Entrevista de campo, 2023.

Nota-se que há entre elas uma diferença de 1 km. Para Rincon, ambas as rotas possuem uma forte presença policial. Na primeira, que passa pela avenida principal do bairro São Pedro, há um maior fluxo de pessoas, sendo a comumente escolhida pelo jovem para realizar seu trajeto casa-escola-casa, a despeito de ser o caminho mais longo. Isso porque, embora a rota da “beira” seja mais rápida, existe ali um tenso movimento de tráfico de drogas o que faz com que o jovem entrevistado sinta-se mais inseguro, pois teme ser “confundido” pela polícia. Sobre a abordagem policial, o Jovem Rincon dirá que:

Quando eu era mais novo, na época de pegação, eu andava muito com amigos brancos, porque também tinha receio de andar com meus amigos negros, pois sei que vou ser abordado pela polícia.

O relato do jovem Rincon, infelizmente, é comum para muitos jovens negros que precisam lidar com o racismo estrutural em seu cotidiano. A sensação de medo e insegurança em relação à abordagem policial é uma realidade enfrentada por muitos jovens negros em todo o mundo, e pode ser intensificada em áreas movimentadas e com presença policial.

Segundo Fanon (1979) as dinâmicas de violências vivenciadas pela população negra e aqui em destaque os jovens negros é fruto de influência do sistema colonial escravocrata vivido

no Brasil, que possuía como principal finalidade o controle e manutenção da repressão dos corpos negros.

Milton também nos relata outra estratégia usada. Segundo ele, o jeito de vestir “soltinho”, que tem como característica usar “camisa de time, bermuda rasgada e chinelinho” atrai os olhares dos policiais que, segundo ele, sempre é uma olhada de “cima a baixo”. O jovem diz que estas situações o incomodam tanto que em um momento ele decidiu se vestir igual “playbozinho”. Segundo ele, foi a primeira vez em que não foi parado e a primeira vez que um policial chegou a lhe cumprimentar.

De acordo com Pimenta (2004), os jovens negros tendem a ser vistos a partir de uma dicotomia, ora pela ótica do “problema social” (como jovens infratores ou delinquentes, perturbadores da ordem pública, associados a condutas consideradas desviantes), ora como “risco social (da toxicodependência, da gravidez precoce, do desemprego e da inserção precária no mercado de trabalho, das transições malsucedidas para a vida adulta).

Essas experiências podem deixar marcas profundas na vida dos jovens negros, afetando a sua autoestima, confiança e senso de pertencimento na sociedade. Eles podem sentir medo e ansiedade em relação às atividades cotidianas, como caminhar pela rua ou frequentar estabelecimentos comerciais, o que limita a sua liberdade e autonomia no uso da cidade e, conseqüentemente, sua vivência da juventude como experiência espacial.

### **Considerações Finais**

O trabalho pretendeu trazer para o debate como jovens negros escolares vão forjando suas trajetórias socioespaciais, tendo como foco a escola e seus corpos. O que se notou que é através do movimento cotidiano para a escola, o trabalho e o lazer, os jovens vão construindo caminhos, definindo percursos, modos de locomoção, lugares de parada e de não parada.

O que se percebeu é que, a despeito de estarem vivendo a juventude, esta é fortemente atravessada por sua condição de renda e cor, que funcionam como marcadores de desigualdade, restringindo a apropriação e uso da cidade. A vida se desenrola sobretudo em seus bairros de residência e estudo, onde se ocorre boa parte das suas trajetórias socioespaciais, desde o trabalho até o lazer, salvando algumas exceções.

Os relatos dos jovens sobre seus percursos na cidade apontam também para como o racismo influencia diretamente na forma como interagem e se apropriam do e no espaço, acompanhando-os em todos os trajetos que fazem em seu cotidiano: nos percursos casa-escola-

casa e em suas buscas por lazer. O racismo, portanto, dificulta e interdita o uso e apropriação da cidade de forma ampla e densa, pois no cotidiano das cidades, age como um limitador de acesso a determinados locais e conseqüentemente o uso da cidade pela população negra.

Como vimos nesse trabalho, no trato social, o corpo racializado é inferiorizado, fazendo com que pessoas negras sejam alvo constante do racismo em suas variadas formas na cidade. Os jovens entrevistados relataram que convivem diariamente com o racismo em suas trajetórias socioespaciais, sendo percebida principalmente por olhares de pessoas brancas, criando um clima de medo. Todas essas situações produzem um uso restritivo da cidade e interfere nas suas trajetórias.

Porém, a pesquisa também revela algumas das estratégias utilizadas para que jovens reivindiquem seu lugar e visibilidade na cidade. Criam rotas, burlam as forças de resistência e contenção, projetam futuros, produzindo e reproduzindo a cidade como prática socioespacial. Ao driblarem algumas das práticas racistas, afirmam sua existência e visibilidade e nos desafiam a pensarmos formas insurgentes para que seus corpos ocupem a cidade.

Deste modo, estes jovens, mesmo diante dos muitos obstáculos impostos, buscam fazer uso da cidade, pois é nela onde escrevem suas histórias e suas trajetórias, desenhando em sua paisagem as grafias de sua existência como corpo jovem, negro e periférico.

## Referências

BENTO, Maria Aparecida da Silva. **Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público**. 2002. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

BOURDIEU, P. **A ilusão biográfica: usos e abusos da história oral**. São Paulo: FGV, 1996.

CASSAB, C. "Como um fantasma sob a neblina..." Os Jovens, a Cidade e a Política. **Caminhos de Geografia**, v. 10, n. 32, 2009.

CASSAB, C. Da casa para a rua: a dimensão espacial da juventude. In: CAVALCANTI, L.; CHAVEIRO, E.; PIRES, L. M. (Org.). **A cidade e seus jovens**. 1ed. Goiânia: PUC Goiás, 2015, v. 1, p. 137-158.

CASSAB, C. Cidade estranha: sabes que existo? O jovem como sujeito e a cidade que ensina. In: FERNANDES, M. L. B. (org). **Geografia das crianças, dos jovens e das famílias**. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2020.

CAVALCANTI, L. S. Jovens escolares e a cidade: concepções e práticas espaciais urbanas cotidianas. **Caderno Prudentino de Geografia**, n. 35, p. 74-86, 2013.

CAVALCANTI, L. S. Os jovens, a escola e suas práticas espaciais. In: CAVALCANTI, L. S.; PIRES, L. M. (Org.) ; CHAVEIRO, E. F. (Org.) . **A cidade e seus jovens**. 1. ed. Goiânia: Puc Goiás, 2015. 222p .

CIRQUEIRA, D. M. **Trajetórias socioespaciais de estudantes negras e negros da Universidade Federal de Goiás**. 2008. 77 f. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.

CIRQUEIRA, D. M. Racismo e experiência do lugar em estudantes negras e negros. **Geogr Ens Pesqui**, v. 21, n. 2, p. 72-87, 2017.

CUNHA, A. R. Corpos Indóceis: reflexões acerca da corporeidade negra na cidade do Rio de Janeiro. **Revista Continente**, [S.l.], v. 1, n. 21, p. 230-250, mar. 2023.

DE VIEIRA SOUZA, A; CASSAB, C. Jovens cotistas e espaço: a juventude como direito. **Terra Livre**, [S. l.], v. 1, n. 60, p. 237–276, 2024.

FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 1979.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

LIRA, M. T. da S. M.; CORDEIRO, A. T. Juventude e Mobilidade urbana: aspectos pessoais, familiares e externos tecendo o cotidiano de jovens estudantes em torno de uma cidade média. **Perspectivas Contemporâneas**, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 1–21, 2023.

LOBODA, Carlos Roberto. Espaço público e práticas socioespaciais: uma articulação necessária para análise dos diferentes usos da cidade. **Caderno Prudentino de Geografia**, v. 1, n. 31, p. 32-54, 2009.

MACHADO, T. C. **Espaço urbano e relações raciais: trajetórias socioespaciais de militantes do movimento negro na região metropolitana de Goiânia**. 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, p. 134, 2011.

MARTINS, M. P. et al. Representações sociais e vivências de lazer na juventude. **Psicologia e Saber Social**, v. 3, n. 1, p. 41-54, 2014.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. Raça, gênero e escolhas afetivas: uma abordagem preliminar sobre a solidão entre mulheres negras na Bahia. **Temáticas**, v. 11, n. 21, p. 11-21, 2003.

PASSOS, J. C. **Juventude negra na EJA: os desafios de uma política pública**. 2010. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, p. 339, 2010.

PIMENTA, M.de M. Juventude e violência. **Crime, polícia e justiça no Brasil**, p. 265-275, 2014.

QUEIROZ, A. M. M. **Geo-grafias insurgentes: corpo e espaço nos romances Ponciá Vicêncio e Becos da memória de Conceição Evaristo**. 2017. 203 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

RODRIGUES, M. N. M.; MENEZES-SANTOS, J. de A. Jovens mulheres: reflexões sobre juventude e gênero a partir do Movimento Hip Hop. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales**, Niñez y Juventud, v. 12, p. 703-715, 2014.

ROCHA-COUTINHO, M. L. A narrativa oral, a análise de discurso e os estudos de gênero. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 11, p. 65-69, 2006.

SANTOS, M. F. dos; RATTS, A. Trajetórias negras discentes no espaço acadêmico: o quadro da Universidade Federal de Goiás diante das ações afirmativas. **Educere et Educare**, Paraná, v. 10, n. 20, p. 641-652, jul./dez. 2015.

SANTOS, M. Ser negro no Brasil hoje. **Folha de São Paulo**, São Paulo, v. 7, p. 1-4, 2002.

SANTOS, R. E. Sobre espacialidades das relações raciais: raça, racialidade e racismo no espaço urbano. **Questões urbanas e racismo**. Petrópolis: DP et Alli, 2021, p. 36-67.

SILVA, J. G. da. Corporeidade e identidade, o corpo negro como espaço de significação. In: CONGRESSO INTERNACIONAL INTERDISCIPLINAR EM SOCIAIS E HUMANIDADES, 3, 2014. **Anais...** Aninter, 2014, p. 263-275.

TOLEDO, J. A. C; CASSAB, C. O lazer, a periferia e os jovens: relações para discutir o crescimento pentecostal. **Terra Livre**, [S. l.], v. 1, n. 52, p. 608–640, 2019. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/1669>. Acesso em: 26 jul. 2023.

***CRedit Author Statement***

- **Reconhecimentos:** Gostaria de agradecer alguém ou alguma instituição? Descrever.
- **Financiamento:** Há fomento de alguma instituição? Qual?
- **Conflitos de interesse:** Há conflitos de interesse? Descrever.
- **Aprovação ética:** O trabalho respeitou a ética durante a pesquisa? Passou por algum comitê de ética? Descrever.
- **Disponibilidade de dados e material:** Os dados e materiais utilizados no trabalho estão disponíveis para acesso? Descrever.
- **Contribuições dos autores:** Descrever a contribuição de cada autor na presente obra.